



Por uma cultura viva desescondendo o Brasil profundo

*Célio Turino**

Resumo – Analisa-se o Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva –, que configura uma rede de iniciativas culturais desenvolvidas por comunidades que dificilmente recebem o reconhecimento do Estado brasileiro. A partir da identificação de Pontos de Cultura, selecionados por edital público, que funcionam como sedimentadores da rede, promove-se um elo entre Estado e sociedade. Existem duzentos e cinquenta Pontos de Cultura em funcionamento e cada um deles recebe verba para desenvolver suas atividades por trinta meses. Definimos esta forma de pacto entre Estado e sociedade como uma gestão compartilhada e transformadora, que envolve os conceitos de empoderamento, autonomia e protagonismo social.

Palavras-chave: cultura; Ponto de Cultura; empoderamento; autonomia; protagonismo social.

Precisamos descobrir o Brasil!¹ Precisamos desesconder o Brasil, mostrá-lo para nós mesmos e para o mundo. Precisamos entender o Brasil; no lugar de conceitos rígidos, noções líquidas, no lugar da reta, a curva. Precisamos nos fundir com o Brasil, tomar um banho em suas águas, que são muitas.² Precisamos conhecer mais os fenômenos em ebulição e construir conceitos que se modelam no contato com a realidade viva. Para compreender o Brasil, precisamos nos transformar em poetas.³ Precisamos transformar o Brasil!

O Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva – nasce deste desejo. Por enquanto, o Cultura Viva é um programa do Ministério da Cultura, do Governo do Brasil, mas nosso objetivo é consolidá-lo como política de Estado, desenvolvendo ações transversais entre ministérios, estados e municípios. A primeira ação foi assinada com o Ministério do Trabalho e vai garantir cinquenta mil bolsas anuais para jovens do Primeiro Emprego; na seqüência, parceria com os ministérios das Comunicações⁴ e Meio Ambiente

* Mestre em História pela UNICAMP e Administrador Cultural. Secretário de Programas e Projetos Culturais do MinC e Coordenador do Programa Cultura Viva. E-mail: celio.turino@minc.gov.br.



(Salas Verdes), Educação (Escola Viva), Desenvolvimento Social (Erradicação do Trabalho Infantil e Fome Zero), Ciência e Tecnologia (Casa Brasil e Telecentros) e com os Correios,⁵ e todos os outros programas e ações nos quais a cultura couber. E a cultura cabe em todo lugar.

Mas, para transformar o Brasil é preciso ir além de uma política de Estado, pois, afinal, o Estado ainda é de poucos. É preciso transformar o Cultura Viva em política pública efetivamente apropriada por seu povo. Mais que oferecer serviços públicos “para” o povo, é preciso compartilhar, unir afeições, promover felicidade. “A alegria é a prova dos nove”.⁶ Qualidades que o povo brasileiro tem de sobra. Mas o caminho não é fácil.

Ao mesmo tempo em que olhamos para o Brasil e encontramos criatividade e solidariedade, também nos defrontamos com iniquidades, injustiças, maus cheiros, maus tratos... Milhões habitando periferias, favelas e cortiços, outros tantos em municípios desassistidos, trabalhadores sem emprego, camponeses sem terra, famílias sem teto, jovens sem perspectiva de futuro, estudantes sem ensino de qualidade, índios sem direitos, um povo mestiço, mas sem igualdade racial, os esquecidos, os desvalidos... Os sem Estado. Mesmo assim, o país resiste na solidariedade popular. Mães sem emprego cuidam dos filhos das mães que encontram trabalho; aos domingos, amigos fazem mutirão para construir casas e, no fim da jornada, churrasco, samba e cerveja. O brasileiro é inventivo, empreendedor e alegre.

“Serão os atenienses da América se não forem comprimidos e desanimados pelo despotismo”.⁷ Precisamos moldar o Estado à imagem de seu povo.

O Cultura Viva deseja contribuir para essa aproximação, na busca por um Estado Ampliado. Este é um programa de acesso aos meios de formação, criação, difusão e fruição cultural e tem como parceiros imediatos agentes culturais, artistas, professores e militantes sociais que percebem a cultura não somente como linguagens artísticas, mas também como direitos, comportamentos e economia. E há muitas ações de combate à exclusão social, cultural e digital já acontecendo. Fala-se da criminalidade e do tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro (e em todas as outras grandes cidades), mas as pessoas envolvidas com isso são minoria. Muito mais gente se mobiliza para recuperar os morros, desenvolver música, dança, teatro... E com estética inovadora. Quem assistiu ao filme Cidade de Deus, se impressiona com a narrativa ágil e atores vibrantes. Gente das favelas. Na maior favela de São Paulo, Heliópolis, as casas estão sendo pintadas com cores vivas, unindo comunidade, um conceituado arquiteto e empresas. No morro da Mangueira, o samba é fator de inclusão, mas vem junto com uma orquestra de violinos, emissoras de rádio e TV comunitárias e grafiteagem colorindo paredes e muros. No campo, trabalhadores sem terra criam suas próprias escolas educando mais de cento e vinte mil crianças, além de alfabetizar jovens, adultos e velhos. No lixão de Maceió há um circo-escola e valentes



guerreiras lutando contra a exclusão social. Uma nova postura vai sendo construída em um Brasil escondido.

Por isso potencializar o que já existe. Acreditar no povo, firmar pactos e parcerias com o que o Brasil tem de melhor: o brasileiro. No dizer de Câmara Cascudo, folclorista nordestino, “o melhor do Brasil é o brasileiro”. Mas isso não significa um simples “deixar fazer”, porque, neste caso, os gostos e imposições da indústria cultural acabariam prevalecendo. Da mesma forma, querer levar “luzes”, selecionar cursos e espetáculos que julgamos mais adequados e sofisticados, também continuaria reproduzindo a mesma relação de dependência e subordinação e apenas trocaríamos o dirigismo de mercado pelo de Estado.

Com o Cultura Viva, vamos experimentar uma outra alternativa, o desenvolvimento aproximado entre Pontos de Cultura. Nossa idéia é que a troca, a instigação e o questionamento, elementos essenciais para o desenvolvimento da cultura, aconteça num contato horizontal entre os Pontos, sem relação de hierarquia ou superioridade entre culturas. Um Ponto auxiliando outro Ponto. Alguns oferecem uma experiência mais avançada em teatro, outros em dança; ações sócio-educativas aprendem com a vanguarda estética que se encontra com a tradição e ajudam a construir o novo. Uma troca entre iguais que aprendem entre si e se respeitam na diferença.

O papel da coordenação do programa é o de localizar e formar mediadores na relação entre Estado e Sociedade, aproximando as

diferentes formas de expressão e representação artística, bem como as diferentes visões de mundo. O Cultura Viva ainda não tem uma resposta acabada a todo este processo que apenas se inicia, mas tenta, ao menos, identificar caminhos. Ou, identificar aqueles que não devem ser trilhados.

De partida, evitamos uma estrutura fortemente institucionalizada e hierarquizada, pesada na forma de gestão e controle, muito comum na burocracia pública. Menos consensos fabricados (e sonhos roubados) e mais conexões de trabalho que respeitem a diversidade e a busca de micro-soluções no fortalecimento de redes sociais. Para sedimentar esta rede, os Pontos de Cultura.

O nome Ponto de Cultura surge do discurso de posse do ministro Gilberto Gil, “um *do-in* antropológico, um massageamento de pontos vitais da nação”. E que nação é essa? De certo não é uma massa compacta e estática, e muito menos um conjunto de estereótipos e tradições inventadas. A nação para qual olhamos precisa ser vista como um organismo vivo, pulsante, envolvido em contradições e que necessita ser constantemente energizado e equilibrado. Por isso, a idéia de uma acupuntura social que vai direto aos Pontos. “Quando há vida, há inacabamento”, como disse nosso educador Paulo Freire, mais processo e menos estruturas predefinidas, menos fossilização e mais vida.

A rede Cultura Viva deve ser maleável, menos impositiva na sua forma de interagir com a realidade e por isso ágil e tolerante, como um organismo vivo. O objetivo é fazer uma integração dos Pontos em uma rede global que acontece



a partir das necessidades e ações locais. A interação entre o global e o local deve respeitar o crescimento das ações desenvolvidas em cada Ponto de Cultura, de modo que eles ganhem musculatura e estrutura óssea e conquistem sua sustentabilidade e emancipação. Este modo de pactuar com a sociedade foi definido como *gestão compartilhada e transformadora* e envolve os conceitos de empoderamento, autonomia e protagonismo social. E, enquanto nos afastamos das velhas “neo” cartilhas, elucidamos os conceitos à medida que a experiência social avança e os fenômenos vão sendo explicitados. Menos recitadores e mais educadores, este parece ser um bom caminho.

Neste catálogo estão algumas idéias, conceitos e ações que nos permitiram iniciar a caminhada. O Ponto de Cultura, como espaço de sedimentação da macro-rede Cultura Viva, de organização da cultura no nível local e de mediação na relação entre Estado e sociedade e entre os outros pontos, constituindo redes por afinidade. A Cultura Digital, como um instrumento de aproximação entre os Pontos de Cultura, desencadeia um novo modo de pensar a tecnologia, envolvendo generosidade intelectual e trabalho colaborativo; por isso, o *software* livre como opção tecnológica e filosófica. Os Agentes Cultura Viva, que atuam como protagonistas de um processo que integra inclusão social, econômica, cultural, digital e política na construção de uma cidadania emancipatória. A Escola Viva, como uma ação que integra o Ponto de Cultura à escola, apontando

para um outro modelo de envolvimento social com a educação, que vai além dos muros escolares na busca de uma cidade educativa.

Definidas estas quatro ações: Ponto de Cultura, Cultura Digital, Agentes Cultura Viva e Escola Viva, observamos que faltava uma integração dialética entre tradição, memória e ruptura. Tradição enquanto ponto de partida, memória enquanto re-interpretação do passado e ruptura enquanto invenção do futuro. Assim, incluímos uma quinta ação, o “Griô”, que será lançado até o final de 2005 e vai oferecer bolsas para os velhos mestres do saber popular: os organizadores de quadrilhas, de folias de reis, congadeiros, artesãos, paneleiras, rendeiras, repentistas, rabequeiros, contadores de histórias, construtores de brinquedos, baianas do acarajé, mestres de capoeira... Todos esses velhos brasileiros que tanta sabedoria têm a nos oferecer. Cada um receberá um salário mínimo por mês para formar jovens aprendizes e continuar fazendo exatamente o que já fazem. “Griô” foi a forma brasileira que encontramos para a expressão em francês *griot*, que designa artistas e narradores de história da África Ocidental, homens que caminhavam (e caminham) de aldeia em aldeia, repassando a história de seu povo. Ao transformar o “Griô” em uma ação do Programa Cultura Viva, pretendemos nos aproximar ainda mais do saber popular e nos encontrar com a África. Unindo este conjunto de ações, um programa na televisão, uma revista, cartaz mural e portal pela internet.



E, assim, mergulhamos em um Brasil profundo, escondido. Esse é o caminho que escolhemos e para o qual convidamos todos aqueles,

brasileiros ou não, a caminhar conosco, pois “um outro mundo é possível”, de acordo com o lema do Fórum Social Mundial.

Abstract – *Analysis is made of the National Program of Culture, Education, and Citizenship – Live Culture – which comprises a net of cultural initiatives developed by communities hardly visible to the Brazilian State. From the identification of Culture Points, selected on the basis of an official notice, and which operate as consolidators of the net, there springs a link between State and society. There are two hundred on-going Culture Points. Each one of them receives funds to carry out their activities for thirty months. We define this kind of agreement between State and Society as a shared and transforming management, involving the concepts of empowerment, autonomy, and social agency.*

Keywords: *culture; Culture Points; empowerment; autonomy; social agency.*

Resumen – *Se examina el Programa Nacional de Cultura, Educación y ciudadanía – Cultura Viva –, que configura una rede de iniciativas culturales desarrolladas por comunidades que apenas reciben el reconocimiento del Estado brasileño. A partir de la identificación de Puntos de Cultura, seleccionados por edicto público, que actúan como sedimentadores de la red, se establece un eslabón entre Estado y sociedad. Hay doscientos y cincuenta Puntos de Cultura en actuación y cada uno de ellos recibe asignación presupuestaria para desarrollar sus actividades por treinta meses. Definimos esta forma de pacto entre Estado y sociedad como una gestión compartida y transformadora, que encierra los conceptos de empoderamiento (empowerment), autonomía y protagonismo social.*

Palabras-clave: *cultura; Ponto de Cultura; empoderamiento; autonomía; protagonismo social.*

Notas

- ¹ Verso extraído do poema “Hino Nacional”, de Carlos Drummond de Andrade.
- ² “Águas são muitas”, da Carta do Descobrimento, de Pero Vaz de Caminha.
- ³ “O sociólogo que quiser compreender o Brasil não raro precisa transformar-se em poeta”, conclusão de Roger Bastide, sociólogo francês e um dos primeiros professores da Universidade de São Paulo. No prefácio a *Brasil, país de contrastes*. Rio de Janeiro: São Paulo: Difel, 1978.
- ⁴ Ligação por internet em banda larga.
- ⁵ Distribuição de produtos culturais produzidos pelas comunidades.
- ⁶ ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. In: TELLES, G.M. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- ⁷ Cf.: José Bonifácio, patriarca da Independência do Brasil.

